

ANÁLISE DOS ASPECTOS SUBJETIVOS E DA CAPACIDADE SIMBÓLICA DE CRIANÇAS EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO CONTRA SUAS MÃES UTILIZANDO TÉCNICAS PROJETIVAS

Maria Luisa Pinheiro de Almeida Ohl (IC) e Julia Garcia Durand (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackenzie

Resumo:

Introdução: A violência doméstica vem sendo reconhecida como um problema de saúde pública e dos direitos humanos por impactar a saúde física e mental dos envolvidos. Entretanto, pouco se tem estudado sobre os aspectos subjetivos da experiência de crianças que são expostas à violência contra a mãe, seja ela de forma direta, ao presenciarem a violência, ou na forma indireta, ao serem cuidados por um casal em situação de violência.

Objetivo: Estudar a qualidade da interação mãe-criança, aspectos subjetivos e a capacidade simbólica de crianças entre 5 e 12 anos expostas à violência contra as suas mães. **Método:** A partir de uma abordagem qualitativa, realizou-se o estudo de 3 casos, com uso de técnicas projetivas, entrevistas semiestruturadas e uma escala padronizada de saúde mental, ao longo de encontros presenciais com a díade mãe-criança.

Resultados: Houve consequências à capacidade simbólica e da saúde mental das crianças participantes: 1. a presença de mecanismos de defesa como a clivagem e a negação que produzem inibição da espontaneidade e da criatividade; 2. ausência de confiança no ambiente, relacionada à angústia de separação com as mães e ao medo do colapso; e 3. expressões de desamparo e solidão, diante da fragilidade dos vínculos intersubjetivos. **Conclusão:** A dinâmica de um ambiente violento repercute negativamente na capacidade de simbolização dos filhos e está relacionado a retraimento emocional e sintomas de depressão e ansiedade. Nos três casos, o agressor das respectivas mães foi o pai das crianças, acentuando o sofrimento psíquico e emocional pela falta de boas referências. Portanto, estar num ambiente em que não se é possível estabelecer a experiência da confiança causa impactos no desenvolvimento emocional, criativo e na espontaneidade do sujeito.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; violência doméstica; Técnica de desenho-estória.

Abstract

Introduction: The issue of violence against women has been increasingly recognized due to its significant impact on the mental health of those involved. However, little has been studied regarding the subjective aspects of the experience of children exposed to IPV against their mothers, whether directly or indirectly, without necessarily being direct victims of domestic

abuse. **Objective:** Study the quality of mother-child interaction, subjective aspects, and the symbolic capacity of children aged 5 to 12 exposed to IPV against their mothers. **Method:** Using a qualitative approach, a study of 3 cases was conducted, employing projective techniques, semi-structured interviews and a standardized mental health scale during in-person meetings with the mother-child dyad. **Results:** There were consequences for the symbolic capacity and mental health of the participating children: 1. the presence of defense mechanisms such as splitting and denial that produce inhibition of spontaneity and creativity; 2. lack of trust in the environment, related to separation anxiety from mothers and fear of collapse; and 3. expressions of helplessness and loneliness in the face of the fragility of intersubjective bonds. **Conclusion:** The dynamics of an environment marked by domestic violence affect the individual's abilities of symbolization. In all three cases, the IPV perpetrator was the children's father, accentuating psychic and emotional suffering due to the lack of positive role models. Thus, being in an environment where it is not possible to establish a pact of trust has an impact on the emotional, creative, and spontaneous development of the individual, as well as their ability to integrate psychic experiences.

Keywords: child development; domestic violence; Story-Drawing Technique.

1. Introdução

Nos últimos trinta anos, foi crescente o reconhecimento entre gestores de políticas públicas e pesquisadores acadêmicos de que a violência doméstica é uma questão de saúde pública e de direitos humanos, pela sua alta prevalência e impactos significativos na saúde física e mental dos envolvidos. Este é um problema multifacetado, que envolve tanto o casal conjugal quanto os filhos que vivem repercussões físicas e emocionais. Segundo Durand et al. (2011), a exposição da criança à violência pode ser direta, ao presenciar o ato violento, ou indireta, por meio dos efeitos negativos na saúde física e mental dos pais e no prejuízo às condições de parentalidade. Estudos demonstram que mulheres expostas à violência por parceiro íntimo (VPI) desenvolvem uma "Síndrome traumática complexa", que consiste num quadro que envolve sintomas comuns ao transtorno do estresse pós-traumático, mas inclui sintomas adicionais de depressão, ansiedade, idealização do agressor e dissociação provocados pela natureza crônica do trauma (DUTRA et al., 2008).

A exposição da criança à VPI contra a mãe deixa marcas profundas no psiquismo infantil. A literatura científica tem se debruçado sobre as relações entre exposição à violência e fatores de risco ao desenvolvimento de problemas emocionais, escolares e de comportamento das crianças (DURAND et al., 2011; LEVENDOSKY et al., 2002). Viver em

um ambiente violento pode trazer prejuízos para o desenvolvimento infantil, podendo estar associado a vivências traumáticas, sintomas psicopatológicos e quadros psiquiátricos, como depressão e ansiedade, transtornos de conduta e comportamentos agressivos (MCCLOSKEY et al., 1995). O presente estudo visa a contribuir para o debate científico acerca das repercussões psicológicas da exposição da criança à violência por parceiro íntimo contra a mãe e tem por objetivo analisar os aspectos subjetivos e a capacidade simbólica de crianças entre 5 e 13 anos expostas à VPI contra as suas mães, utilizando técnicas projetivas (HAMMER, 1991; ARZENO et al., 2009).

Os impactos psicológicos da violência contra a criança e o adolescente e do abuso sexual infantil têm sido amplamente investigados utilizando-se técnicas projetivas no Brasil, com resultados significativos para o entendimento da dimensão subjetiva e traumática da violência (LIMA, 2021; ROCCO, 2019; FAVARETTO et al., 2011; ANANIAS et al., 2010). Essas técnicas demonstraram ser um instrumento eficaz no trabalho com pessoas que passaram por experiências de violência, facilitando a revelação da situação vivenciada e contribuindo para o entendimento das características do mundo psíquico infantil e seus mecanismos de defesa (TARDIVO et al., 2005; VAN KOLCK, 1984). No entanto, pouco se tem estudado sobre os aspectos subjetivos da experiência de crianças que são expostas à VPI contra a mãe, seja ela de forma direta ou indireta. Acredita-se que, por não serem vítimas direta da violência física familiar, muitas vezes, não são considerados os impactos subjetivos dessa exposição.

O objetivo do presente estudo é ampliar o conhecimento acerca dos processos psíquicos vividos por crianças expostas à violência parental, incluindo sua dimensão traumática e seus efeitos tanto nos processos de simbolização, assim como na produção de inibições e sintomas. Tal objetivo poderá ser uma baliza importante para a estruturação de um atendimento clínico de acolhimento voltado às crianças que foram expostas à VPI contra a mãe.

Esse tipo de violência tem repercussões subjetivas específicas na criança, seja pelo seu caráter traumático, no que tem de excessivo aos recursos do aparelho psíquico destas pessoas, impossibilitando-o de representar as experiências emocionais, seja pelo prejuízo nas condições de cuidado parental que a violência produz. A literatura psicanalítica tem acentuado o efeito desorganizador, no psiquismo da criança, dos elementos sensoriais não-representados, que irão constituir o núcleo traumático (FREUD, 1920; BOTELLA et al., 2002.). Dessa forma, se torna importante trazer à luz este processo de subjetivação por meio de um instrumento robusto de avaliação psicológica, pautada numa teoria da clínica específica para este público.

2. Referencial teórico

Muitas das patologias contemporâneas estão associadas a déficits no processo de simbolização, que decorrem de marcas traumáticas derivadas de experiências violentas. Na clínica com crianças vítimas de violência doméstica e abuso infantil, estudos demonstram que a vivência violenta tem impacto no funcionamento psíquico das crianças, trazendo perturbações para noção de identidade e outros distúrbios de personalidade, conformando arranjos defensivos singulares frente à angústia traumática (TARDIVO, 2017). Crianças punidas fisicamente tendem a desenvolver alterações emocionais, como agressividade e comportamento antissocial, um exacerbado sentimento de culpa, além de níveis elevados de ansiedade, depressão e isolamento social (LIMA, 2021). Tais vivências trazem marcas traumáticas que frequentemente levam o psiquismo a um funcionamento regido pela repetição mortífera da cena traumática devido à dificuldade de simbolização destas experiências. No caso do enfrentamento aos efeitos da violência, é necessário encontrar modos clínicos alternativos de tratamento uma vez que o modelo de se tornar consciente os conteúdos inconscientes, conforme propôs Freud, não se aplica a conteúdos que nunca estiveram na consciência anteriormente.

Em conformidade com o que propõe Roussillon (2012), do ponto de vista psicanalítico, a teoria da simbolização surge com o intuito de ampliar o trabalho psicanalítico para pacientes que se encontram em intenso sofrimento e que possuem dificuldade com a psicanálise clássica. Segundo este autor, há conteúdos que só podem se tornar conscientes a partir do momento em que forem transformados. O sofrimento diz respeito ao que não foi integrado na experiência subjetiva do indivíduo, já que aquilo que foi confrontado na vida pulsional deve ser integrado na subjetividade. É necessária uma apropriação subjetiva das experiências com que o indivíduo foi confrontado, independente de se tomar consciência ou não desse conteúdo. (ROUSSILLON, 2012). No caso específico das situações de violência, o trabalho intersubjetivo produzido no contexto clínico deve favorecer a integração psíquica destas experiências, pelo favorecimento dos processos de simbolização, uma vez que frequentemente estas experiências excedem a capacidade individual de integração psíquica. São indivíduos para os quais a problemática narcísico-identitária e a da diferenciação *eu/não eu* são essenciais.

O trabalho a partir de objetos mediadores, em um campo de jogo suficientemente seguro, oferece condições favoráveis a experiências subjetivas que permitem a retomada da criatividade, rompendo assim com o círculo vicioso de repetição nas situações de trauma. Nesta perspectiva, entende-se que os dispositivos clínicos de mediação são articulados em torno de um “*médium maleável*” (ROUSSILLON, 2008; BRUN, 2009) em muitos casos

artísticos, como a pintura, a modelagem, o desenho, a escrita, a música, o teatro, a fotografia. O trabalho de criação é concebido como um trabalho de metabolização pela psique de experiências lúdicas em diferentes idades da vida, processo que permite uma apropriação subjetiva dessas experiências por meio da associatividade não verbal e, como resultado, um potencial reavivamento da criatividade do participante da pesquisa.

3. Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório organizada em dois pilares: 1. Levantamento do histórico familiar da criança e 2. Avaliação da dinâmica emocional inconsciente e aspectos subjetivos por meio de técnica projetiva.

3.1 Procedimentos

Para tal, a pesquisa foi organizada em três encontros: 1. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a mãe com duração média de 50 minutos, a partir de um roteiro pré-estabelecido de perguntas e temas, para levantar a história de vida da criança e da relação entre os pais, a presença de sintomas e sofrimentos psíquicos foi utilizado o teste SRQ 20 (Self Report Questionnaire) para avaliar o sofrimento mental dos participantes (IACOPONI & MARI, 1989), porém a análise da escala foi feita no TCC das alunas que realizaram a pesquisa. 2. Avaliação Psicológica da criança utilizando as técnicas projetivas do Procedimento Desenho-Estória (TRINCA, 2013; TRINCA, 2020). 3. Entrevista final de devolutiva com a mãe, para retorno sobre os resultados observados na pesquisa.

3.2. Seleção amostral

As díades mães-crianças foram recrutadas em serviços de atendimento à mulheres vítimas de violência, que são parceiros do Mackenzie e do programa Juntas (Programa de atendimento à mulheres vítimas de violência no Serviço Escola do Mackenzie). Calculou-se que seriam avaliadas 8 díades mães e crianças, porém, durante o período do estudo, as pesquisadoras entraram em contato com 30 participantes elegíveis a partir dos critérios estabelecidos por telefone e mensagem, mas poucas demonstraram interesse e disponibilidade para participarem da pesquisa. Algumas ainda foram excluídas em função da idade de seus filhos não corresponderem à faixa etária estabelecida. Dessa forma, foram avaliadas em profundidade 3 díades mãe-criança.

Entende-se que as avaliações de mais participantes forneceria mais dados qualitativos para a análise, porém, neste tipo de estudo, não há número mínimo amostral. Portanto, priorizou-se uma análise articulando os diferentes tipos de dados produzidos, de

forma a alcançar um panorama do funcionamento mental das díades. Dessa forma, ressalta-se que o convite às participantes da pesquisa foi feito respeitando o interesse e as condições da família em participar, de forma a garantir que seu atendimento no serviço-escola não fosse prejudicado caso elas não aceitassem participar.

3.3 Instrumentos

As técnicas projetivas

As técnicas projetivas são ferramentas eficazes nos estudos sobre a violência e seus impactos na vida das crianças, pois estas ainda estão construindo ferramentas linguísticas para expressão verbal de suas vivências emocionais. Além disto, as experiências traumáticas carregam intensidades afetivas que escapam à representação palavra, tornando necessário o uso de mediações que favoreçam os processos expressivos e de simbolização. Portanto, as técnicas projetivas são uma possibilidade de alcance do material psíquico que não é acessível e representável, uma vez que permitem que as crianças reflitam seus sentimentos no papel de maneira puramente expressiva (HAMMER, 1991). Não há boas ou más respostas predeterminadas, vale aquilo que vem espontaneamente na consciência (ANZIEU, 1988), permitindo que aos poucos a resistência diminua e representações do inconsciente venham à consciência.

Técnica de Desenho-Estória

O principal recurso utilizado para obtenção de dados nesta pesquisa é o Desenho-Estória (D-E) (TRINCA, 2013), que coloca em relevo a dinâmica emocional inconsciente através de produções gráficas e técnicas de apercepção temática. Essa técnica se baseia em uma atividade gráfica e temática para reunir informações necessárias para análise. Consiste em cinco unidades de produção, cada uma composta por quatro etapas: um desenho livre, história, “inquérito” e título (TRINCA, 2020). A aplicação desta técnica exige a disponibilização de folhas de papel, lápis grafite e lápis de cor, de forma que o examinando possa escolher os instrumentos. Após o desenho pronto, é solicitado ao examinando contar uma história sobre o desenho, em que o examinador pode utilizar do “inquérito” para esclarecimentos; por último, será pedido um título.

O procedimento tem um uso terapêutico por permitir avaliar angústias, fantasias, sentimentos, atitudes e desejos com base no contexto em que o examinando está inserido. Possibilita ao examinando estabelecer contato com os fenômenos psíquicos, contornando defesas habitualmente utilizadas pelo indivíduo e dando vazão à expressão de dificuldades emocionais, dores e angústias a partir da criação de um mundo mental “paralelo, fantasiado,

simplificado e disfarçado” (TRINCA, 2013). É uma atividade em que se pode falar de si mesmo sem falar de si mesmo, auxiliando no processo de reorganização psíquica do sujeito. O Desenho-Estória torna possível para as crianças elaborarem seus conflitos e até mesmo reforcem suas defesas egóicas fragilizadas de forma lúdica e não invasiva. É um recurso eficaz para captar a comunicação e simbolização para além das palavras. Através do acesso imediato às angústias mais proeminentes no psiquismo infantil (TRINCA, 2013), torna possível uma tradução das experiências vividas nas produções gráficas.

“Pode-se considerar que o D-E consiste em um procedimento semi-estruturado, que tem por base a associação livre e por finalidade revelar os conteúdos psicodinâmicos, pondo em evidência os focos nodais inconscientes. Por isso, constitui um recurso clínico que favorece a análise vertical da personalidade. Desse modo, os focos nodais inconscientes evidenciados em alguns casos são tomados como um assunto norteador de pesquisa” (TRINCA, 2013, p. 220).

3.4 Metodologia de análise dos dados

A análise do material empírico produzido nesta pesquisa buscará detectar aspectos inconscientes comuns ao grupo de sujeitos participantes de forma a permitir produzir relações entre estes aspectos e a experiência da violência sofrida pela sua mãe. Portanto, buscar-se-á descobrir os aspectos grupais, além de características individuais, que explicitem focos nodais inconscientes. Os dados produzidos pelo procedimento D-E serão interpretados a partir de dois conjuntos de aspectos: forma e conteúdo. Procurou-se observar alguns elementos da produção que não são ditos por palavras: 1. o uso das cores, 2. tamanho, 3. pressão e continuidade do traço. Também foram considerados aspectos projetivos (como pedido de borracha, história contada e nível de originalidade da produção), além da transferência com as pesquisadoras durante a aplicação, diferenciando a interação na presença e ausência das mães na sala. Foi levada em consideração uma breve lista de aspectos qualitativos para trazer riqueza à análise de conteúdo, como nível de expressão e elaboração emocional, quais os temas abordados e se houve indícios de violência nas produções e/ou anamnese.

4. Cuidados Éticos

Esta pesquisa foi aprovada pelo CEP/UPM sob o nº 65387622.7.0000.0084. Durante todo o processo, o sigilo dos participantes foi garantido. As entrevistas foram conduzidas de forma não invasiva, sem julgamentos, com perguntas mais amplas e indiretas, respeitando o limite de conforto e vontade da participante em relatar as experiências vividas. Por se tratar

de temática sensível, foram garantidos o acolhimento dos casos em que houver sofrimento psíquico e o encaminhamento, quando necessário, para o Serviço-Escola Mackenzie ou para instituições parceiras que trabalham com atendimento psicológico ou de outra área da saúde de maneira gratuita. A participação na pesquisa foi precedida pela leitura e assinatura dos dois Termos de Consentimento Livre e Esclarecido pelas participantes maiores de idade, que poderiam interromper o processo a qualquer momento sem danos aos seus direitos ou multa por desistência tanto de si quanto de seu filho(a), além de um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido destinado ao participante menor de idade.

5. Resultados

Os casos foram inicialmente analisados separadamente, por um instrumento de avaliação, para então serem analisados em conjunto, comparativamente, com o intuito de identificar o que há de semelhante e específico entre eles. Cada caso foi descrito em 3 eixos: A) Dados de identificação, B) breve descrição da história de violência familiar e C) Anamnese

5.1. Apresentação dos casos

Caso 1.

A) Dados de Identificação:

Participante mãe: B., 52 anos; união estável; dona de casa; superior completo

Participante filho: L., 12 anos; 2 irmãs mais velhas; cursando ensino fundamental

B) Breve descrição da história de violência familiar:

O pai do paciente foi o agressor de sua mãe, que apesar de não agredi-la fisicamente, a humilha, joga objetos no chão e soca a parede, na presença dos filhos. Por falta de agressão física, B. contou que demorou para perceber que sofria violência. Chorou ao falar da família e do “ambiente adoecido”, afirmando que se sente agredida constantemente pelo companheiro, já que este não confia nela:

A violência sofrida pela paciente foi marcada pela invisibilidade, que apesar de não deixar marcas no corpo, deixou no psiquismo e na saúde mental. A violência sofrida por ela configura-se como moral, patrimonial e psicológica, conforme descritas na Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006). Segundo a mãe, o maior conflito ocorria pelo agressor acusá-la de um caso extraconjugal que nunca aconteceu, mas as discussões e ameaças têm natureza

diversa. A participante acrescentou que sente constantemente “pisando em ovos”, e vive num “limbo” sem saída na relação, já que o homem é o provedor e “dono da grana” (sic). Trouxe que muitas das vezes não reagiu às agressões, mas anotou as datas em que ocorreram para utilizar como senhas e, então, não esquecer dos episódios de violência mesmo diante de um período de “calmaria” (sic).

C) Anamnese

B. sente o filho cada vez mais agressivo, isolado e “imaturo” e que passa muito tempo sozinho em seu quarto jogando no celular ou computador. Contou que a criança tem apenas amigas meninas e não é tradicionalmente “masculino”, o que causa atrito com o pai com quem se recusa a interagir. Algo que une pai e filhas - a partir de um esforço destas para ter algum interesse em comum com o pai - é o futebol, porém não é um assunto que agrada L.. Ele, por sua vez, não faz questão de procurar elementos potenciais identificatórios que possam aumentar ou aprofundar o vínculo com o pai.

De acordo com o relato obtido, L. é muito próximo da mãe e, durante a interação lúdica do par no momento da pesquisa, a criança sempre procurava B. através do toque e do olhar, principalmente. Por outro lado, de acordo com B., L. nem responde ao pai.

Caso 2

A) Dados de Identificação:

Participante mãe: R., 40 anos, divorciada, ensino médio completo;

Participante filha: Y., 13 anos; filha única; cursando ensino fundamental II;

B) Breve descrição da história de violência familiar

O pai da paciente foi o agressor de sua mãe, mas atualmente não há muito contato entre eles, então não há mais episódios contínuos de violência. A mãe sofreu violência física, principalmente depois que Y. nasceu, mas diz que ele sempre foi “nervoso” e gostava de “farra”, então constantemente era exposta à violência verbal e psicológica devido a esse estilo de vida que o ex-marido levava. A família de R. sempre deu muito apoio a ela, principalmente após os episódios de violência física e sempre houve um vínculo muito próximo entre R. e os irmãos.

R. também sofreu violência no ambiente de trabalho por um colega e está processando a empresa, pois saiu sem nenhuma restituição trabalhista. A empresa pediu

para que ela se retirasse e fosse para outra unidade, para que não manchasse a imagem deles, mas com a justificativa de que seria mais seguro para ela se distanciar do ambiente de trabalho naquele momento. Após essa mudança, o seu ex-chefe começou a pressioná-la para que deixasse esse acontecimento no passado, mas R. entrou com um processo judicial contra a empresa. A audiência será no final de 2023.

C) Anamnese

Sente a filha muito sensível à ausência do pai e insegura, queixando-se de saudades do pai e de se sentir “abandonada”. Segundo a mãe, a paciente é doce, gentil e solícita mas apresenta inseguranças em relação à sua aparência; não há conflitos na escola, nem problemas de agressividade ou retraimento social. No entanto, a mãe relatou que Y. tem crises de ansiedade, problemas para dormir e por vezes falta de apetite. Isso a preocupa porque queria ver a filha bem, mas acredita ter a ver com esse sentimento de abandono pelo pai. R. disse que persistiu na relação para que a filha não crescesse sem pai, pois “eu queria criar a minha filha com o pai” (sic), porém após o parto ela disse que as agressões pioraram, mesmo assim ela persistiu mais um pouco, em uma tentativa de ver se ele “mudava” (sic).

Relata um episódio em que estava com sua filha Y., de 1 ano, no colo e ele a agrediu fisicamente. Alegou que nessa época ficava muito abalada e isso lhe fazia “muito mal” (sic). Não percebeu mudanças no sono e no comportamento de sua filha, mas que “ela chorava quando ele vinha me agredir” (sic). Relatou que sua filha é muito apegada a ela e faz de tudo para ajudá-la.

Caso 3:

A) Dados de identificação:

Participante filha: M., 11; filha única; cursando ensino fundamental I

Participante mãe: J., 37; solteira; cursando superior

B) Breve descrição da história de violência familiar:

O agressor de J. é o pai da filha, um homem mais velho e “manipulador” (sic). J. sofreu vários tipos de violência (psicológica, física e patrimonial), fez B.O. e tem medida protetiva. J. contou que era agredida na frente da filha e M. comumente tentava apartar as brigas. Atualmente ela faz o que pode para evitar que os pais se encontrem. O último contato que a mãe teve com o pai foi há três meses, referente ao pagamento da pensão.

J. demonstrou preocupação pela filha, que se encontra cada vez mais isolada: “ela diz que queria ter uma amiga com amigas” (sic). Vê a filha com vergonha do corpo, assustada, “desesperada” e estressada; entende que, em partes, esses sentimentos da filha são decorrentes do início da puberdade, mas sabe que boa parte deles se originou depois da violência que ocorria em casa pelo ex-marido, pai de M., na frente da filha. J. contou que, atualmente, boa parte do seu sofrimento ocorre por ver a filha sofrer: “ela vive num mundo de adultos” (sic). L. relata que o agressor a chantageou e tentou manipulá-la para se apropriar de seu patrimônio

C) Anamnese:

J. contou que sente a filha cada vez mais tímida e envergonhada. Entende que, em certa medida, isso faz parte da puberdade, mas preocupa-se já que M. é retraída, isolada e não tem amigos na escola. Inclusive, apontou que a filha odeia a escola, os colegas e alguns professores que são “falsos” e grosseiros. M. não pergunta mais sobre o pai e contou que não faz mais questão de ter contato com ele ou a família. J. ainda trouxe que M. é madura demais para a idade por viver “no meio” de adultos, mas sente que a criança é muito assustada e “desesperada” (sic).

5.2 Análise conjunta das produções do D-E

Do ponto de vista formal, serão analisados os aspectos do uso da cor, o tamanho das produções gráficas e a pressão do lápis no papel. No que se refere ao uso da cor, observa-se que os três participantes realizaram ao menos um desenho em lápis grafite apenas, sendo que dois deles realizaram todos os desenhos desta forma. Segundo Pinto (2014), o elemento formal da cor nos testes projetivos pode ser analisado como suporte para captar a projeção de sentimentos e ideias. As cores são entendidas como elementos simbólicos, que tem a função de representar emoções e afetos. Neste sentido, a ausência de cor observada nos três casos analisados pode sinalizar a ação da clivagem e da negação como mecanismos de defesa que produzem distanciamento afetivo e inibição da espontaneidade e da criatividade. Hammer (1991) sugere que a predominância do uso de grafite, pode representar esvaziamento emocional e sintomas depressivos e/ou ansiosos.

Os dois desenhos de L. São expressivos deste aspecto da ausência de cor. (Figura

1)

Figura 1: Desenho 1 e 2 de L. do Desenho-Estória



Título: “Um lugar tranquilo”, L.

Sem Título

Nos casos de L. e M. foi possível observar, além da falta de cor, uma acentuada dificuldade de produzir uma narrativa verbal acerca de seu desenho, mesmo durante o inquérito feito pela pesquisadora. L., como visto acima, parece não ter suportado entrar em contato com os afetos suscitados durante o processo de testagem e decidiu interromper o processo ao final do segundo desenho. A dificuldade em elaborar uma narrativa que articulasse palavras e idéias aos desenhos reforça a presença de mecanismos de defesa intensos diante do contato com a experiência emocional.

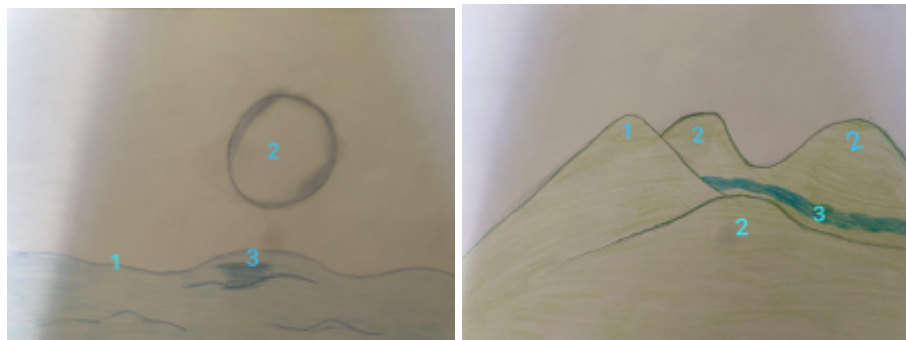
Embora o monocromatismo seja predominante, principalmente nas produções de L. e M., esse recurso foi utilizado por Y. em produções que evidenciam de forma mais explícita conteúdos de angústias da criança. Na produção 4, “Problemas”, Y. falou sobre um afastamento da família, mais especificamente do pai, um dos agressores da sua mãe. A participante contou que a pessoa “sem rosto” do desenho voltava a ter rosto quando está com as pessoas que gosta, mas perto do pai fica estressada e sem rosto o tempo inteiro. Já na produção 5, “Rua vazia”, Y. mostrou a rua de sua casa a noite, quando fica deserta. Essa produção se assemelhou à segunda produção de L. (sem título), em que a criança também registrou uma rua vazia, sem pessoas. Contudo, Y. ainda deu mais detalhes de sua produção, contando que durante a noite a rua torna-se perigosa, mas durante o dia é segura e bonita.

Nas produções de L. e M. o tamanho reduzido dos elementos chama atenção. No primeiro desenho de L. a maior representação é a árvore, com 4 centímetros de altura; e a menor é o pequeno personagem redondo, que não chega a meio centímetro. Segundo Hammer (1991), desenhos muito pequenos mostram uma tendência ao retraimento, além de oferecer pistas sobre a autoestima do paciente e um sentimento de desconforto, de estar preso e sob pressão. A produção completa ocupa apenas um pouco mais de $\frac{1}{3}$ da folha, e

foi feita inteiramente a lápis grafite. M. também utilizou apenas um pequeno espaço da folha, predominantemente na metade esquerda do papel.

Já Y. apresentou maior variação de tamanho e aproveitamento do material: 4 de suas produções preenchem a folha inteira, com exceção da intitulada “Problemas”, que ocupa apenas o centro. Todas as produções de Y. foram centralizadas no meio da folha ou na parte inferior. Sobre isso, Hammer (1991) postula que há uma maior tendência em comportamentos autodirigidos, autocentrados e mais emocionais em crianças que produzem desenhos no meio da folha. Hammer também afirma que as produções que se encontram mais abaixo do ponto médio da folha, como as produções 2 e 3 de Y. (figura 2) podem sinalizar sentimentos de insegurança e inadequação relacionados à depressão no humor ou também a maior racionalidade na vida dessa criança, como se ela estivesse “ligada ao concreto” (HAMMER, 1991).

Figura 2: Desenhos 2 e 3 de Y do Desenho-Estória



Título: “Atravez do mar” (sic), Y.

Título: “Montanhas e riachos”, Y.

L. apresentou traços finos e leves, com pouca pressão no papel, enquanto Y. e M. variaram na técnica. Segundo Hammer (1991), traços leves são resultado de um baixo nível de energia ou restrição e repressão. Em contrapartida, ainda segundo o autor, linhas extremamente pesadas podem demonstrar uma grande tensão por parte do sujeito. A primeira produção de M., intitulada “Não, esquece” foi feita inteiramente com traços fortes e bem marcados, evidenciando a tensão por parte da participante, que apresentou-se extremamente defendida no início do processo de testagem. Já Y., pressionou o lápis com força no papel apenas para fazer detalhes pontuais no desenho, como visto, também, em sua primeira produção “Um olhar vale mais que mil palavras” que a pressão foi utilizada para marcar os cílios e o interior do olho desenhado.

Figura 3: Desenho 1 de M. e Y., do Desenho-Estória, respectivamente.



Título: “Não, esquece”, M.

Título: “Um olhar vale mais que mil palavras”, L.

Em todas as produções estiveram presentes traços curtos para compor traços mais longos e contínuos. De acordo com Hammer (1991), linhas quebradas e indecisas demonstram certa ansiedade e insegurança. O autor afirma que um bom ajustamento se percebe por linhas decisivas, bem controladas e livres, o oposto do que exposto pelos participantes. No que se refere ao conteúdo, as produções gráficas de desenho-estória indicaram um grau de sofrimento psíquico significativo nas crianças avaliadas. Os principais temas abordados foram vazio, solidão, desamparo e dificuldade em se conectar com os familiares.

A fala “Quero ir para a minha mãe” (sic) utilizada por L. ao interromper o procedimento ao final do segundo desenho pode estar relacionada a um estado de insegurança diante da ausência materna e do contato com as experiências emocionais evocadas pelo procedimento D-E.

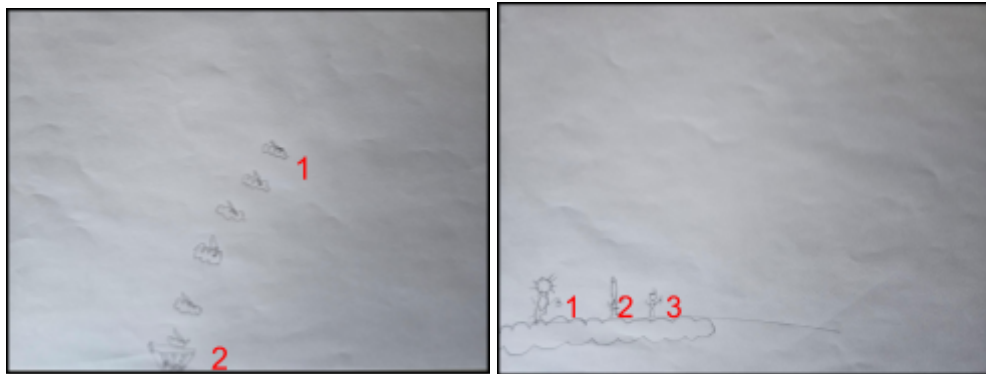
Percebe-se que a falta de confiança no ambiente pode representar uma falha no processo representacional. Não conseguir seguir no processo de testagem pode ser entendido como insegurança e medo diante das emoções de angústia evocadas pelo procedimento, que mobilizou um quebra na capacidade de representação simbólica: precisou ir concretamente ao encontro da mãe. Essa necessidade também pode indicar uma defasagem na construção da confiança no ambiente que, segundo Winnicott (2022), é essencial para o desenvolvimento emocional do indivíduo.

Experiências traumáticas que transbordam o psiquismo não são elaboradas, integradas e nem simbolizadas: a solução encontrada para o estado de desamparo que estas situações subjetivas promovem é a clivagem (ROUSSILLON, 2012).

Em todos casos avaliados há um sentimento de solidão proeminente, mas para L. e Y., esse sentimento foi expressado nas produções gráficas sem humanos com “apenas”

natureza ou cenários desertos. Já no caso de M., a solidão é proeminente em sua vida: não tem amigos na escola, não gosta dos professores, só tem a sua mãe que, por sua vez, sente muito pela filha que “vive num mundo de adultos” (sic). Nos desenhos de M., foi possível observar personagens que se unem, formam parcerias e trabalham juntos (figura 4), algo que, segundo os relatos obtidos durante a anamnese, não ocorre na vida da criança.

Figura 4: Desenhos 4 e 5 de M. do Desenho-Estória



Título: “Peixes voadores”, M.

Título: “Todos com medalhas”, M.

6. Conclusão

Os dados empíricos analisados neste estudo com um grupo de crianças expostas à violência contra suas mães sinalizam um foco nodal inconsciente de esvaziamento emocional e sintomas depressivos e/ou ansiosos, como retraimento, repressão, tensão e baixo nível de energia (HAMMER, 1991), além de prejuízo na capacidade simbólica.

Segundo Winnicott (2000), ter a possibilidade de confiar no ambiente é o que proporciona a capacidade de criatividade e espontaneidade, tecendo um cenário afetivo imprescindível para o sujeito (KLAUTAU & SALEM, 2009). Um ambiente de confiança é criado logo nos primórdios da vida, tempo no qual a criança está em estado de dependência absoluta de seus cuidadores, que, por sua vez, vivem o estado de *preocupação materna primária*, fornecendo holding e handling. Neste tempo, é fundamental que a criança sinta a experiência de continuidade de sua existência. A ocorrência da violência tende a abalar, impactar ou impedir o senso de continuidade da existência, na medida em que expõe a criança à angústia de aniquilamento, ao medo do colapso (Winnicott, 2000) e ao desamparo. Este desamparo causado pelas experiências traumáticas pode levar a estratégias de solução que não promovem a integração psíquica, mas a clivagem.

A incapacidade de integrar a realidade externa e interna deriva-se de uma vida mental cindida pelo mecanismo da clivagem, ou seja, há um distanciamento entre as partes (interna e externa) da vida psíquica que não se associam entre si (ROUSSILLON, 2012). Dessa forma, uma das características deixadas pelo trauma é a ameaça de retorno do conteúdo clivado, e para evitá-lo, o psiquismo recorre à repetição (ROUSSILLON, 2012). Portanto, as produções gráficas de Desenho-Estória indicaram um grau de sofrimento psíquico significativo nas crianças avaliadas, principalmente um retraimento afetivo decorrente da clivagem, acompanhado de certo grau de depressão no humor, ansiedade e insegurança.

Nos casos de L. e M. foi possível observar um psiquismo mais fragilizado, com um retraimento afetivo expressado pela falta de cor, tamanho das produções gráficas, conteúdo de suas narrativas e pela dificuldade de abrir-se durante o inquérito para falar sobre a produção gráfica. Notou-se que os temas abordados pelos participantes evidenciam sentimentos de solidão e desamparo, em produções marcadas pelo vazio de elementos gráficos e de pessoas, em que há apenas a presença de um conjunto de animais antropomórficos que se unem por um objetivo comum, como visto no caso de M.. Apesar de representar uma coletividade em seus desenhos, M. relatou não ter amigos ou outro vínculo além de sua mãe, com dificuldade em se conectar com outros. Assim, as situações descritas acima podem indicar que estar num ambiente em que não é possível estabelecer um pacto de confiança causa impactos no desenvolvimento emocional, criativo e da espontaneidade do sujeito (KLAUTAU & SALEM, 2009).

Nos três casos, o agressor das respectivas mães foi o próprio pai das crianças, fato que acentuou o sofrimento psíquico e emocional por constituir quebra ou perda de referências positivas e de confiança no ambiente familiar. Quando a dinâmica familiar torna-se uma réplica das fantasias inconscientes edípicas, repletas de expressões de ódio e destrutividade, o plano dos significados fica impedido de se desenvolver e o nível da representação simbólica não pode ser alcançado. Sem os significados que podem alcançar a representação em símbolos, a experiência emocional não pode ser pensada e evoluir. Assim, Lammano-Adamo (1999) traz que:

“[as violências] não são mais fantasias inconscientes: é o "ato" tomando conta do cotidiano da vida familiar e sendo encenado até às últimas consequências, gerando distorções aberrantes dos fatos da vida” (LAMANNO-ADAMO, 1999: p. 158).

Pode-se entender que a dinâmica de um ambiente marcado pela violência doméstica afeta a capacidade de simbolização do indivíduo.

Foi proposto neste trabalho a análise de 8 díades mãe-criança, porém, por complicações técnicas na captação e adesão das famílias participantes, este tornou-se um estudo qualitativo de 3 casos: B. e L., R. e Y., e J. e M. Acredita-se que essa dificuldade de captar participantes ocorreu devido uma desconfiança generalizada causada pela violência, além de uma angústia frente a possibilidade de reviver os afetos causados pelos episódios traumáticos de violência. Entende-se que a violência doméstica por si só é um tópico sensível e de difícil elaboração, mas ao envolver os filhos torna-se ainda mais aflitivo: a vulnerabilidade intrínseca à infância é aumentada pela vulnerabilidade causada por um ambiente violento. Dessa forma, é de suma importância respeitar e acolher o desejo das mães de não expor os filhos a um processo de pesquisa que pode gerar desconforto por se tratar de uma temática que muitas vezes provoca sentimentos de vergonha e humilhação.

De modo geral, observou-se que estas crianças demonstram importante sofrimento psíquico e retraimento emocional e que devem ser alvo de cuidado pelas políticas públicas de saúde, para evitar agravos futuros à saúde.

7. Referências bibliográficas

ANANIAS, Juliana Martins; WHITAKER, Marisa Andreatta; AZEVEDO, Tânia; DE ALMEIDA, Vera Lia; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Desenho Infantil e a Violência Doméstica. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP de Marília**, Marília, v. 5, n. 5, maio 2010

AMIRALIAN, M.L.T.M. **O procedimento de Desenhos-Estórias e as contribuições de D.W. Winnicott**. Em: TRINCA, Walter. Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões São Paulo: Vetor Editora, 2013.

ANZIEU, D. **Técnicas projetivas**. Rio de Janeiro: Campus, 1988

ARZENO, Maria Esther Garcia; OCAMPO, Maria Luisa Siquier De; PICCOLO, Elza Grassano de. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2009.

BRASIL. **Lei n. 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

BOTELLA, César; BOTELLA, Sara. **Irrepresentável: mais além da representação**. Porto Alegre: Criação Humana, 2002. Cap. 1 Figurabilidade e não representação

BRUN, Anne. **Mediaciones terapéuticas y psicosis infantil**. Barcelona: Paris: Dunod, 2010.

BURSTOW, B. **Radical Feminist Therapy**. SAGE Publications, United States: California, 1992.

DANTE, A. **A divina comédia: fielmente vertida do texto pelo Barão da Villa da Barra**. Imp. Nacional, Rio de Janeiro, 1888. Disponível em domínio público

DURAND, Júlia Garcia; SCHRAIBER, Lilia Blima; JUNIOR, Ivan França; BARROS, Claudia. **Repercussão da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 355-64, 2011. Disponível em: 10.1590/S0034-89102011005000004. Acesso em: 16 de fevereiro de 2022.

DUTRA, Lissa; CALLAHAN, Kelly; FORMAN, Evan; MENDELSON, Michaela; HERMAN, Judith. **Core schemas and suicidality in a chronically traumatized population**. The journal of nervous and mental disease, v. 196, n. 1, p. 71-4, jan de 2008. DOI:10.1097/NMD.0b013e31815fa4c1. Acesso em 20 de março de 2022.

FELDMAN, R. **Parenting Behavior as the Environment Where Children Grow**. Setembro de 2012.

FAVARETTO, Priscilla Zanardi; VALLE, Tânia Gracy Martins. Compreendendo a Dinâmica Familiar de Adolescentes Expostos à Violência Sexual Intrafamiliar. **Revista OMNIA Saúde** – Revistas Eletrônicas das Faculdades Adamantinenses Integradas, v. 8, n. 1, p. 1-25, 2011

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer** (1920). In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. 1.

HAMMER, Emanuel F. **Aplicações clínicas dos Desenhos Projetivos**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1991.

IACOPONI E, MARI JJ. Reliability and factor structure of the Portuguese version of Self-Reporting Questionnaire. Int **J Soc Psychiatry**. 1989 Autumn;35(3):213-22. doi: 10.1177/002076408903500301. PMID: 2583955. Acesso em 19 de outubro de 2022.

KLAUTAU, P; SALEM, P. Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação. **Nat. Hum.** São Paulo, v. 11, n. 2, p. 33-54, fev. 2009. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200002&lng=pt&tlng=pt> Acesso em 29 out 2023

KLEIN, Melanie. **A técnica psicanalítica através do brinquedo**. In: Novas tendências na psicanálise. cap.1. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan.

LAMANNO-ADAMO, V. L. C.. Violência doméstica: uma contribuição da psicanálise. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 4, n. 1, p. 153–159, 1999.

LIMA, Juciara Karla; LIRA, Margaret Olinda S. C.; DE OLIVEIRA, Jeany Freire; CAMPOS, Fernando V. A.; PAIVA, Levi Olinda Lira de. Uso do desenho-estória para apreensão de entendimentos e sentimentos de crianças institucionalizadas sobre agressão física. **Revista Cuidarte, Santander**, vol. 12, n.1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15649/cuidarte.1204>. Acesso em 03 de março de 2022.

LEVENDOSKY, Alytia; GRAHAM-BERMANN, Sandra A. **Parenting in Battered women: the effects of domestic violence on women and their children**. Journal of Family Violence, v. 16, n. 2, p. 171-92, 2001. DOI:10.1023/A:1011111003373. Acesso em 13 de março de 2022.

MCCLOSKEY, Laura; Figueredo, Aurélio José; Koss, Mary P. **The effects of systematic family violence on children's mental health**. Children Development, v. 66, n. 5, p.1239-61, out. 1995. DOI: 10.1111/j.1467-8624.1995.tb00933.x. Acesso em 13 de março de 2022

ROCCO, Maria Campeti Cuoghi. **Experiência materna, psicodinamismos e o desenvolvimento do self de mulher e meninas vítimas de abuso sexual: um estudo transgeracional**. Dissertação de Mestrado (Psicologia em Saúde e Desenvolvimento) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2019. DOI: 10.11606/D.59.2019.tde-17062019-110902. Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

ROUSSILLON, R. A função simbolizante. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 48, n. 89, p. 257-286, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000200020&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 jul. 2023.

ROUSSILLON, R. **Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia**. São Paulo: Blucher, 2012.

ROUSSILLON, R. O desamparo e as tentativas de solução para o traumatismo primário. **Revista de Psicanálise da SPPA, [S. l.]**, v. 19, n. 2, p. 271–295, 2012. DOI: 10.5281/sppa.revista.v19i2.552. Disponível em: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/552>. Acesso em: 29 out. 2023.

TARDIVO, Leila Salomão de la Plata Cury; PINTO JÚNIOR, Antonio Augusto; DOS SANTOS, Márcia Regina. Avaliação psicológica de crianças vítimas de violência doméstica por meio do teste das fábulas de Düss. **Psic: revista da Vetor Editora**, v. 6, n. 1, São Paulo, jun. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142005000100008. Acesso em 05 de março de 2022.

TARDIVO, Leila Salomão de la Plata Cury. O Desenho da Figura Humana em crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 37, n. 92, p. 63-78, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-711X2017000100006. Acesso em 05 de março de 2022.

TRINCA, W. **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões** São Paulo: Vetor Editora, 01 de janeiro de 2013.

VAN KOLCK, Odette Lourenção. **Testes Projetivos Gráficos no Diagnóstico Psicológico**. São Paulo: E.P.U., 1984.

WINNICOTT, D.W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

WINNICOTT, D.W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990

WINNICOTT, D.W. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**. São Paulo: UBU Ed., 2022

Contatos: mluisaohl@gmail.com e julia.durand@mackenzie.com